

7 POLÍTICA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

O agravamento da crise financeira no Brasil, com seu impacto sobre a taxa de câmbio e sobre a inflação, fez com que os preços agrícolas, cuja alta já tinha sido objeto de análise no Boletim anterior, continuassem em sua escalada e atingissem níveis sem precedentes na atualidade. A desvalorização cambial coincidiu com a alta dos preços internacionais das *commodities* agrícolas, o que agravou o problema. Essa alta dos preços agrícolas domésticos tem tido conseqüências muito adversas sobre a inflação, e por isso merece ser analisada com mais detalhe, o que será feito nesta seção. Além disso, é importante compreender melhor as causas dessa alta atual dos preços agrícolas, pois, se ela não se sustentar no próximo ano, poderá dar lugar a uma crise financeira na agricultura, já que o setor agrícola teria plantado com preços inflados de insumos e venderia com preços desinflados de seus produtos.

A EVOLUÇÃO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Como se pode ver nas Tabelas 7.1 e 7.2, a maioria dos produtos agrícolas teve uma elevação de preços sem precedentes nos últimos meses. Como se vê no Gráfico 7.1, isso ocorreu mesmo com produtos como o boi gordo, cujo preço doméstico é pouco influenciado pela taxa de câmbio e pelo preço internacional da carne e já tinha subido de forma expressiva entre julho e setembro, por efeito da entressafra. A subida do preço do boi gordo puxou

TABELA 7.1

Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2000/2002

[em R\$/unidade]

Período	Arroz Agulhinha ^p (Saca de 50 kg)		Arroz de Sequeiro ^p (Saca de 60 kg)		Feijão Preto ^p (Saca de 60 kg)		Feijão Cores ^a (Saca de 60 kg)		Milho ^p (Saca de 60 kg)		Trigo ^p (Saca de 60 kg)		Café Arábica ^p (Saca de 60 kg)	
	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01
	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02
Dez.	13,3	18,5	15,1	18,0	24,1	70,4	46,8	53,5	9,2	10,4	13,2	16,2	128,2	105,0
Jan.	14,2	17,8	15,6	17,1	31,2	58,7	50,4	70,2	9,0	10,5	13,4	16,7	127,5	110,0
Fev.	14,1	15,8	13,4	15,6	35,5	54,5	59,5	66,7	7,5	11,4	13,7	17,1	127,0	110,8
Mar.	12,5	14,8	12,8	14,8	37,5	57,4	74,8	65,5	7,1	11,1	14,1	17,2	125,2	116,4
Abr.	12,3	15,2	12,0	16,3	40,6	55,3	69,6	68,2	7,2	11,5	14,5	17,2	117,0	117,8
Mai.	14,1	16,5	13,1	16,4	46,6	52,7	62,9	66,7	7,3	12,5	15,0	18,1	130,2	107,5
Jun.	15,4	17,4	16,3	16,8	59,0	55,9	61,4	79,5	7,9	12,8	16,0	19,7	125,2	106,4
Jul.	15,1	18,0	16,4	18,6	62,1	64,1	62,1	89,8	8,7	13,2	16,5	21,4	117,0	104,7
Ago.	15,7	20,7	16,9	19,8	74,9	62,7	65,5	75,8	9,5	14,1	16,3	24,6	113,9	109,2
Set.	18,7	21,4	17,5	23,2	84,1	61,8	62,2	77,6	9,9	15,4	16,0	28,6	112,0	136,0
Out.	19,0	25,0	18,0	25,0	88,5	68,6	65,2	76,6	10,2	19,0	15,6	36,9	104,4	167,7
Nov.*	18,8	29,5	18,0	28,0	80,1	65,0	54,0	75,4	10,4	22,0	16,2	35,5	111,1	178,7

Fonte: Conab; arroz agulhinha, café arábica, arroz de sequeiro, feijão cores e milho. Seab/Deral: feijão preto e trigo. Elaboração: IPEA/DIMAC.
Notas: ^p Produtor (principal estado produtor); agulhinha = RS; sequeiro = MT; feijão cores, trigo = PR, milho = PR; feijão preto = PR. ^a Atacado: feijão cores: Cidade de São Paulo, trigo: preço médio do Estado do Paraná. * A informação de novembro de 2002 é referente à primeira semana do mês.

TABELA 7.2

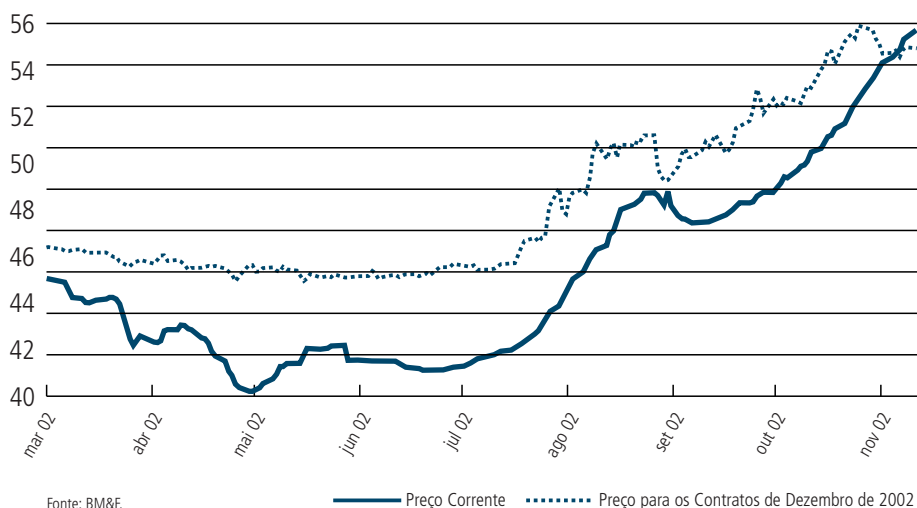
Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2000/2002

[em R\$/unidade]

Período	Algodão ^A (15 kg)		Soja ^P (Saca de 60 kg)		Bovinos ^P (15 kg)		Frango ^P (1 kg)		Suínos ^P (1 kg)		Leite Cota ^P (litro)		Açúcar ^A (R\$/saca)	
	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01	Dez.00	Dez.01
	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02	Nov.01	Nov.02
Dez.	32,6	28,4	21,0	26,6	40,6	46,8	1,26	1,32	2,07	2,13	0,31	0,25	23,8	24,4
Jan.	33,1	30,4	20,4	24,1	39,8	46,5	1,02	1,31	1,96	2,05	0,28	0,23	25,0	25,6
Fev.	31,3	33,0	17,9	21,2	40,0	46,0	0,99	1,26	1,55	1,78	0,26	0,23	23,3	22,9
Mar.	30,3	32,6	17,1	20,3	40,1	45,4	1,10	1,07	1,60	1,61	0,25	0,25	23,4	21,3
Abr.	30,3	32,2	17,2	21,4	42,0	43,1	1,29	0,98	1,87	1,44	0,26	0,28	24,8	20,8
Mai.	29,0	32,2	18,7	24,0	41,4	42,3	1,07	0,99	1,81	1,39	0,29	0,30	24,1	20,7
Jun.	28,5	32,3	21,2	27,9	41,4	43,0	1,29	1,02	1,81	1,57	0,31	0,32	23,4	18,8
Jul.	28,5	35,0	25,0	31,6	41,7	44,3	1,18	1,05	1,87	1,67	0,33	0,33	23,7	19,2
Ago.	28,6	40,6	26,5	35,1	42,8	49,8	1,06	1,18	1,86	1,51	0,34	0,33	22,8	23,0
Set.	28,6	47,1	27,6	39,7	43,6	50,3	1,05	1,22	1,73	1,59	0,32	0,33	23,6	24,5
Out.	28,2	48,9	28,6	44,7	47,2	54,1	0,93	1,25	1,85	1,80	0,27	0,32	23,9	34,5
Nov.*	27,0	50,0	29,8	43,8	46,4	58,4	1,15	1,45	2,17	1,71	0,25	0,32	23,8	40,4

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC. Notas: ^P Produtor; soja = PR; bovinos, frango e suínos = SP. ^A Atacado: Cidade de São Paulo. Leite tipo cota: Seab; açúcar: Cepea.
* A informação de novembro de 2002 é referente à primeira semana do mês.

GRÁFICO 7.1

Evolução do Preço do Boi Gordo — Mar.2002/Nov.2002

também o preço do frango; essa alta dos preços dos produtos animais já se manifesta nos índices de preços das carnes no varejo, como mostra o Gráfico 7.2. (A menor capacidade de reação do preço dos suínos é um fenômeno conhecido, dando lugar a longas crises no setor.)

O caso do milho é particularmente grave. Mesmo já tendo atingido, no primeiro semestre deste ano, preços muito acima dos níveis alcançados no mesmo período de 2001 (fruto da redução da colheita este ano), o preço do milho, como aparece no Gráfico 7.3, praticamente dobrou desde julho deste ano. A escassez atual de oferta doméstica — fruto da imprevidência do governo em 2001, quando a colheita de milho foi recorde e o governo não só deixou o preço desabar como permitiu uma exportação recorde, comprometendo o novo plantio e gerando a escassez doméstica que se verifica hoje — já em si mesma levaria

GRÁFICO 7.2

Taxas de Variação Mensal dos Preços da Carne Bovina, Suína e de Aves no Varejo — Nov.2001/Nov.2002

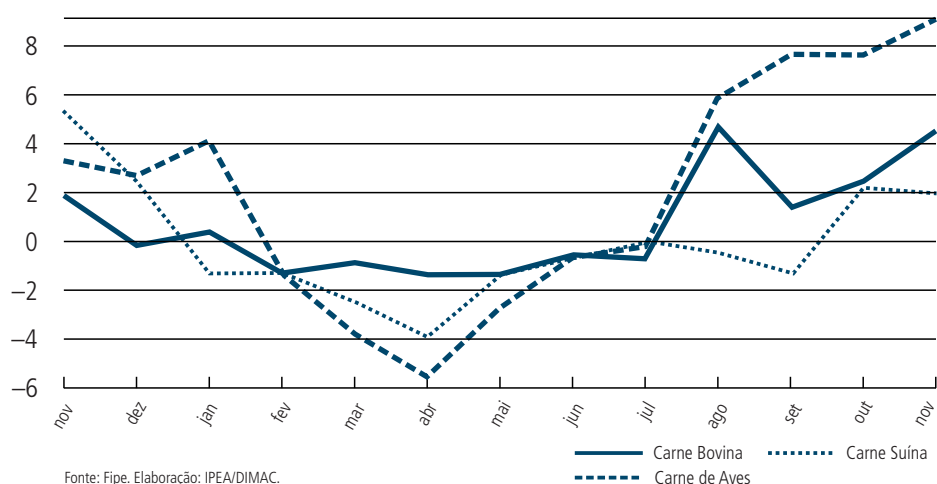
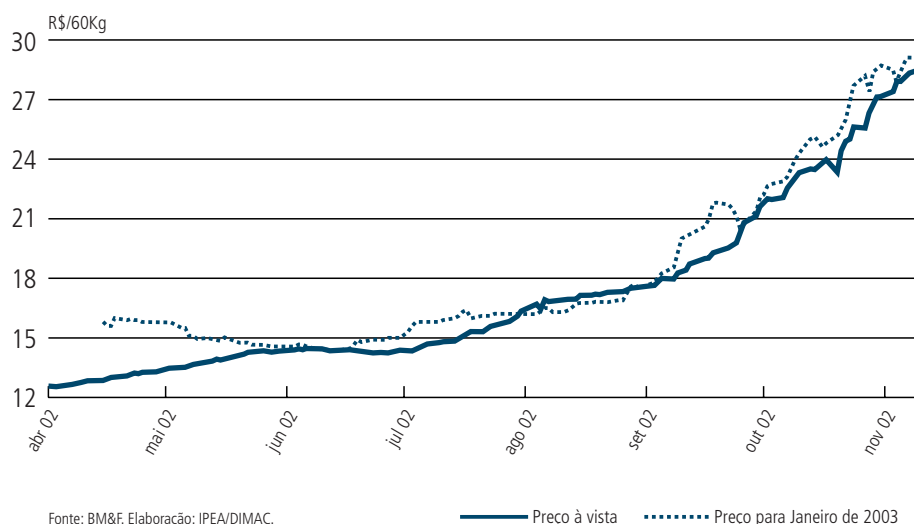


GRÁFICO 7.3

Evolução do Preço do Milho — Abr.2002/Nov.2002



a uma alta muito forte dos preços do milho, já que esse preço teria de atingir o nível do preço de paridade de importação. Devido à coincidência com a crise financeira nacional e com a alta dos preços internacionais do milho, esse preço de paridade assumiu níveis absurdos. Conforme informações obtidas na Conab, essa paridade está, atualmente, no nível de R\$ 30, para o produto transgênico (supondo uma taxa de câmbio de R\$ 3,60) e de R\$ 32, para o produto não-transgênico, o único que pode ser importado pelo Brasil, devido a uma decisão da Justiça. Como se pode ver no Gráfico 7.3, esse é, exatamente, o nível atual do preço doméstico, revelando que a paridade foi atingida e o mercado está sendo abastecido inteiramente pelo produto importado.

Há casos especiais, contudo, como o do café. No caso do café, o Brasil está colhendo uma supersafra, o que levou o governo a estimular, através da colocação de contratos de opção vendidos na época da safra, com preços de exercício bem atraentes (da ordem de R\$ 130), a retenção da oferta ao mercado externo, sob o pretexto de transferir essa oferta

para o ano que vem, quando se pode esperar que a safra seja menor. É possível que seja essa retenção do produto brasileiro que está causando a alta dos preços internacionais do café, mostrada na Tabela 7.3; na realidade, a supersafra no Brasil e a própria desvalorização cambial deveriam ter levado a uma queda importante do preço do café no mercado internacional. Ao estimular a alta dos preços do café no mercado internacional, o governo brasileiro está novamente formando o velho guarda-chuva que só serve para abrigar os demais países produtores e estimulá-los a aumentar a oferta no ano que vem, que vai encontrar o Brasil abarrotado de estoques. Na atual conjuntura, essa política ainda está servindo para colocar mais lenha na fogueira da alta dos preços agrícolas.

No caso do açúcar, a importância do Brasil no mercado internacional faz com que não se possa considerar o preço internacional do açúcar como um dado. Em particular, a desvalorização cambial deveria ter levado a um aumento da oferta externa brasileira, com consequente queda no preço internacional do açúcar. Por isso, é necessário examinar melhor em que medida a alta do preço do álcool no mercado doméstico — fruto, por sua vez, da alta do preço da gasolina, puxado pela própria desvalorização cambial — é que está causando uma redução da produção de açúcar e, portanto, da oferta brasileira de açúcar no mercado internacional, com consequente elevação dos seus preços internacionais.

TABELA 7.3

Preços Agrícolas Internacionais — 2000/2002

Período	Soja em Grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$/centos/lp)		Café em Grão (US\$/centos/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$/centos/lp)	
	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01	Nov.00	Nov.01
	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a
	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02	Out.01	Out.02
Nov.	178	162	82	81	93	104	65	33	71	45	205	178	9,5	7,3
Dez.	186	160	84	81	97	104	65	36	65	45	205	184	9,7	7,4
Jan.	175	160	85	81	104	109	61	37	66	48	190	198	10,1	7,4
Fev.	168	160	83	81	97	103	58	36	63	45	190	201	9,7	6,3
Mar.	164	169	83	80	99	102	50	38	62	52	182	194	8,8	6,1
Abr.	159	171	81	78	97	99	43	36	59	54	171	196	8,6	5,8
Mai.	164	177	77	81	97	100	44	35	63	49	171	205	9,0	5,6
Jun.	170	185	76	83	94	106	41	41	57	48	173	208	8,9	5,4
Jul.	187	209	84	91	101	120	41	46	53	49	178	204	8,6	5,8
Ago.	182	208	85	102	99	128	39	45	50	48	173	195	8,0	5,9
Set.	172	208	85	106	100	147	36	42	49	57	176	191	7,4	6,7
Out.	161	200	82	99	103	144	31	44	45	62	173	192	6,6	7,3

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

A ALTA DOS PREÇOS INTERNACIONAIS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS, SEU PAPEL NA ALTA RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS NO BRASIL, E SUAS PERSPECTIVAS PARA O PRÓXIMO ANO

Como já se apontou, a alta dos preços agrícolas domésticos no Brasil foi dramática porque, em boa parte, ela foi resultado de uma coincidência entre um período de instabilidade financeira que envolveu o Brasil e causou a desvalorização cambial, com uma elevação expressiva dos preços agrícolas internacionais. É interessante, agora, mostrar qual foi a importância relativa desses dois fatores na determinação da alta dos preços agrícolas internos. A Tabela 7.4 faz uma comparação entre as taxas de variação dos preços domésticos e dos preços internacionais convertidos em reais. Essas taxas foram calculadas comparando-se os preços médios vigentes em outubro com os vigentes na média do período março/maio. Para

TABELA 7.4

Principais Produtos Agrícolas — Taxas de Variação dos Preços Domésticos e dos Preços Internacionais Convertidos em Reais entre Março e Outubro de 2002

[em %]

Produtos Agrícolas	Taxas de Variação dos Preços Domésticos	Taxas de Variação dos Preços Internacionais Convertidos em Reais	Taxa de Variação dos Preços Internacionais
Trigo	116,6	130,2	44,0
Soja em Grão	101,6	85,9	16,3
Açúcar	66,2	100,0	25,1
Milho	80,5	99,2	24,6
Arroz	70,1	55,0	-3,1
Algodão	51,3	93,1	20,7
Café Arábica	58,7	91,3	19,6

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Nota: As taxas de variação dos preços domésticos, dos preços internacionais e da variação cambial foram calculadas com base na comparação das médias do mês de out/02 e do período mar.-mai./2002.

se poder aquilatar o papel relativo da variação cambial e da variação dos preços internacionais, essa última é também apresentada na última coluna da tabela. A taxa de variação cambial calculada para o período escolhido foi de 60%.

Colocados os produtos em ordem decrescente de elevação dos preços domésticos, pode-se ver que, somente no caso do trigo, a alta dos preços internacionais, de cerca de 44%, chegou perto da taxa de desvalorização cambial no período. No caso da soja em grão, na verdade, o preço doméstico subiu mais do que o preço internacional convertido em reais. Isso acontece todo ano, entre as nossas safra e entressafra, quando o Brasil não é exportador, mas importador de soja em grão. No caso do arroz, o preço internacional, na verdade, ficou praticamente estável; toda a alta de preço no Brasil foi devida ao problema cambial.

Pode-se concluir, assim, que, à exceção do trigo, os demais produtos agrícolas tiveram sua elevação de preços domésticos causada, principalmente, pela desvalorização cambial. Essa conclusão é importante, pois significa que, na hipótese de que haja uma valorização muito forte da taxa de câmbio, pode-se esperar também uma forte queda de preços agrícolas no Brasil. Na hipótese mais provável de uma relativa estabilidade da taxa de câmbio aos níveis atuais, então podemos prever que o setor agrícola seria pouco afetado na hipótese de uma queda dos preços agrícolas internacionais.

É possível que essa elevação dos preços agrícolas internacionais seja efêmera. Embora seja verdade, como mostra a Tabela 7.5, que houve uma redução dos estoques mundiais de grãos medidos em percentagens dos respectivos consumos mundiais, o efeito dessa redução

TABELA 7.5

Estoques Mundiais de Grãos em Relação ao Consumo Anual

[em %]

	Arroz	Milho	Soja	Trigo	Algodão
1997/98	33,5	25,3	16,8	29,4	50,5
1998/99	34,5	29,0	16,4	30,1	50,0
1999/00	36,5	28,3	17,4	30,0	45,5
2000/01	36,7	25,4	18,0	34,8	46,4
2001/02 (*)	32,2	20,8	17,7	33,9	50,5
2002/03 (**)	26,0	15,9	15,5	29,0	41,6

Fonte: USDA e Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

(*) Estimativa.

(**) Projeção.

TABELA 7.6

Conab — Primeiro Levantamento de Safra 2002/2003 e Comparação com a Safra 2001/2002

Cultura	Área Plantada			Produção de Grãos		
	Safra 2001/2002	Safra 2002/2003	Variação (%)	Safra 2001/2002	Safra 2002/2003	Variação (%)
Algodão	750,3	718,8	-4,2	1.241,3	1.266,8	2,1
Arroz	3.238,7	3.270,1	1,0	10.655,6	11.173,9	4,9
Sul	1200,5	1.209,5	0,7	6.560,2	6.769,3	3,2
Centro-Oeste	598,8	608	1,5	1.649,3	1.676,9	1,7
Norte	554,7	547,95	-1,2	1.143,5	1.142,2	-0,1
Nordeste	732,7	756,6	3,3	953,6	1.235,4	29,6
Feijão Total	4.322,7	4.337,7	0,3	3.094,5	3.100,1	0,2
Feijão 1ª Safra	1.434,4	1.449,4	1,0	1.327,9	1.333,5	0,4
Centro-Sul	1.008,6	1.019,4	1,1	1.132,0	1.117,9	-1,2
Nordeste	423,8	423,8	0,0	194,9	254,3	30,4
Feijão 2ª Safra	2.049,1	2.049,1	0,0	1.068,6	1.068,6	0,0
Centro-Sul	564,2	564,2	0,0	583,9	583,9	0,0
Norte	168,4	168,4	0,0	120,2	120,2	0,0
Nordeste	1.316,5	1.316,5	0,0	364,5	364,5	0,0
Feijão 3ª Safra	839,2	839,2	0,0	698,0	698,0	0,0
Centro-Sul	194,6	194,6	0,0	396,6	396,6	0,0
Nordeste	644,6	644,6	0,0	301,4	301,4	0,0
Milho Total	12.324,7	12.435,7	0,9	35.210,9	38.722,1	10,0
Milho 1ª Safra	9.439,7	9.312,2	-1,4	29.081,1	31.341,4	7,8
Centro-Sul	6.540,9	6.411,2	-2,0	26.579,0	27.990,2	5,3
Norte	500,3	502,6	0,4	850,1	863,6	1,6
Nordeste	2.398,5	2.398,5	0,0	1.652,1	2.487,6	50,6
Milho 2ª Safra	2.885,0	3.123,5	8,3	6.129,8	7.380,8	20,4
Centro-Sul	2.562,4	2.681,7	4,7	5.865,3	7.113,0	21,3
Nordeste	322,6	322,6	0,0	264,5	267,7	1,2
Soja	16.324,4	17.647,2	8,1	41.907,1	47.811,2	14,1
Trigo	2.006,3	2.006,3	0,0	3.096,0	3.798,3	22,7
Outras Lavouras(*)	1.190,6	1.191,7	0,1	1.925,9	1.931,2	0,3
Brasil	40.157,7	41.607,4	3,6	97.131,2	107.803,6	11,0

(*)Outras Lavouras: amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo e mamona.

de estoques pode estar sendo exagerado pela atuação, nos mercados de *commodities* agrícolas, dos fundos financeiros saídos dos mercados de ações, devido às perdas verificadas nesses mercados, e dos próprios mercados de títulos públicos, devido às baixas taxas de juros internacionais vigentes. Ora, como a reação da oferta agrícola deverá ser rápida, tanto nos Estados Unidos como nos demais países produtores (como o próprio Brasil, como será mostrado na próxima seção), não é improvável que os mercados, antecipando essas reações de oferta, desfaçam ao menos em parte, essa “bolha” atual dos preços agrícolas internacionais, podendo até mesmo fazer desabar esses preços. Aliás, a Tabela 7.3 já mostra uma queda expressiva nos preços da soja e do milho em outubro.

Pode-se, assim, concluir que é possível, mas pouco provável, que os preços agrícolas no Brasil, na esteira da normalização dos fluxos externos de capital, sofram uma redução substancial até a entrada da safra. Isso seria muito bom para a política de metas de inflação, mas deverá ser ruim para o setor agrícola.

AS PRIMEIRAS PREVISÕES DA CONAB PARA A PRÓXIMA SAFRA

O Primeiro Levantamento de Safra 2002/2003 da Conab mostra que, graças principalmente à forte expansão esperada da soja, a safra de grãos deverá crescer 11% em 2003, representando um volume adicional de 10,7 milhões de toneladas, dos quais 6 milhões de toneladas de soja e 3,5 milhões de toneladas de milho. No caso do milho, pode-se ver que o aumento previsto se deve apenas à regularização climática do milho 1ª safra e ao aumento na área do milho 2ª safra, já que não se espera aumento da área da safra principal, devido à expansão da soja. Se se considera, ainda, a possibilidade de quebra de safra, pode-se ver que 2003 continuará sendo um ano de mercado apertado e preços altos para o milho. Note-se que, neste caso, o preço do milho — e, portanto, o das proteínas animais — permanecerá em níveis elevados (mesmo que abaixo dos níveis atuais) mesmo num cenário de valorização cambial e de queda de preços internacionais.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção apresentou uma análise da evolução recente dos preços dos principais produtos agrícolas e animais, procurando-se separar a parcela dessa alta que se deveu à desvalorização cambial e a parcela que se deveu à alta dos preços internacionais. A conclusão a que se chegou é que, à exceção do trigo, o principal fator de elevação dos preços agrícolas domésticos foi mesmo a desvalorização cambial. Mesmo no caso dos produtos, como a soja, que tiveram altas relativamente importantes em seus preços internacionais, foi também a desvalorização cambial que transformou essa alta externa em forte pressão de alta interna.

Essa conclusão é muito importante, pois, à medida que a taxa de câmbio se aprecie, como resultado de uma normalização dos fluxos externos de capitais, haverá, na mesma proporção, uma queda dos preços agrícolas domésticos. A alta dos preços internacionais, por sua vez, até mesmo pela dimensão exagerada que assumiu em alguns casos, como o do trigo, poderá não se sustentar e dar lugar a um processo de queda já no início do próximo ano. Somando as duas coisas, é possível, mas pouco provável, que o setor agrícola se defronte com uma crise financeira na próxima safra, iniciando sua convivência com o novo governo de forma semelhante com o que aconteceu com o atual governo, em 1995. Essa eventual crise seria mais uma prova de que instabilidade macroeconômica é algo contra o que o setor agrícola deve sempre ser contra, mostrando como o setor agrícola, afinal de contas, beneficiou-se da estabilização promovida pelo Plano Real.